INCLUSÃO ESCOLAR: BARREIRAS ATITUDINAIS ENFRENTADAS NA APRENDIZAGEM

Felipe Leite [1]

Claudete Da Silva Lima Martins [2]

Resumo:

Estamos circundados por uma sociedade onde somos constantemente instruídos a reconhecer e lidar com as diferenças que cada indivíduo possui, de aceitar que cada um possui uma particularidade e que ser diferente é normal. Nessa perspectiva, a escola deve implementar meios para as necessidades que lhes são impostas, fazendo com que todos os alunos, independentemente de suas particularidades ou limitações, tenham oportunidades e possam de fato aprender algo. Este trabalho tem como objetivo analisar os estudos em sala de aula, de um aluno com algum tipo de limitação, que seja do Ensino Superior, com enfoque na observação do aluno, descrevendo os acontecimentos em sala de aula e buscando encontrar e delimitar barreiras atitudinais, seja por parte dos professores ou dos próprios colegas de aula. O estudo em campo foi realizado em uma classe de Ensino Superior da Universidade da Região da Campanha no curso de Sistemas de Informação. Foram realizadas quatro visitas em aulas distintas, totalizando oito horas aula de observações. Foi feito o papel apenas de observador, sem interferir no andamento da aula, de modo a apenas realizar anotações do transcorrido em aula, buscando identificar as barreiras atitudinais. O aluno utilizado nesse estudo possui não possui diagnóstico conclusivo designado por laudo médico, mas suas atitudes e maneiras de agir, notados pelos professores e por todos que vivenciam com o aluno é de Transtorno de déficit de atenção com hiperatividade (TDAH). No decorrer das observações das aulas foram encontradas quatro barreiras atitudinais sendo elas: a da rejeição, a da baixa expectativa ou subestimação, a de menos valia e a da compensação. Após a observação do aluno em três disciplinas diferentes, com três professores com personalidades e métodos de ensino diferentes, vemos que por mais que as vezes possa passar despercebido, são enfrentadas todos os dias diversos tipos de barreiras atitudinais, independente do aluno em questão. Sempre há uma rejeição, ou menosprezo, desacreditando que todos são capazes de aprender. Ao praticar esses atos, não somente está desqualificando o potencial de um indivíduo, como também está o excluindo do meio, alegando dele não ser capaz. Temos que levar em conta os problemas devidos aos diversos desafios que são enfrentados nas escolas tanto pelos alunos quanto pelos professores, isso devido muitas vezes pelo método de ensino, a interação dos colegas entre si e com os professores, e a exclusão de determinados indivíduos.

Palavras-chave: Inclusão; Educação; Barreiras atitudinais

Modalidade de Participação: Pós-Graduação

INCLUSÃO ESCOLAR: BARREIRAS ATITUDINAIS ENFRENTADAS NA APRENDIZAGEM

[1] Aluno de pós-graduação. felipeleite1618@gmail.com. Autor principal

[2] Docente. claudetemartins@unipampa.edu.br. Orientador

INCLUSÃO ESCOLAR: BARREIRAS ATITUDINAIS ENFRENTADAS NA APRENDIZAGEM

1 INTRODUÇÃO

Estamos vivenciando um mundo que possui constantes transformações educacionais, sejam elas institucionais, financeiras ou estruturais. Essas transformações decorrem da evolução da sociedade, com a inserção de novas tecnologias e novos meios que podem contribuir e muito para a educação, para a escola, e para todos que a rodeiam e participam do meio.

Estamos circundados por uma sociedade onde somos constantemente instruídos a reconhecer e lidar com as diferenças que cada indivíduo possui, de aceitar que cada um possui uma particularidade e que ser diferente é normal.

Nessa perspectiva, a escola deve implementar meios para as necessidades que lhes são impostas, fazendo com que todos os alunos, independentemente de suas particularidades ou limitações, tenham oportunidades e possam de fato aprender algo. Tendo em vista isso, surgiu a proposta da Educação Inclusiva, que segundo Carvalho (2004, p.29) define como "escolas para todos, implicando um sistema educacional que reconheça e atenda às diferenças individuais, respeitando as necessidades de qualquer dos alunos". Nesse contexto, implica nos alunos recebendo todo o suporte necessário para que possa contribuir significantemente com seu aprendizado, com apoio pedagógico qualificado.

Para Oliveira, et al. (2015, p.187) a inclusão escolar teve maior evidência no cenário mundial após a Declaração de Salamanca e complementa que "esse documento, dentre outras questões, propõe que as escolas regulares devem incluir as crianças com necessidades educativas especiais, numa pedagogia centrada na criança, a fim de atender as suas necessidades".

Na educação inclusiva, deve ser levado em conta que mesmo com toda a evolução no decorrer dos tempos ainda encontramos barreiras, que dificultam o processo de inclusão. Dentre elas, as barreiras atitudinais têm um peso muito significativo, onde Lima e Tavares (2012, p.124) conceituam como "barreiras sociais geradas, mantidas, fortalecidas por meio de ações, omissões e linguagem produzidas, [...] resultando no desrespeito ou impedimento aos direitos dessas pessoas, limitando-as ou incapacitando-as para o exercício de direitos e deveres sociais.

Porém, por mais que se invista em uma educação de qualidade, que proponha a impor na prática o desenvolvimento dos alunos, independente de possuir uma limitação ou não, nos deparamos com barreiras que podem intrincar esse processo, o que é um grande problema e um grande desafio para o processo de inclusão.

Tendo em vista isso, justifica-se a escolha do tema como um meio de identificar as barreiras que são impostas, de entender o que decorre dessa situação, buscando orientar com uma melhor maneira de amenizar a situação. Isso devido ao fato de que a inclusão escolar não significa que o aluno deve estar presente somente fisicamente, com suas necessidades educacionais, mas que ele seja parte de um todo, que possa estar presente e ativo nas atividades educacionais e sociais que serão desenvolvidas, que a sua limitação não seja desculpa para manter afastado e excluso, mas que isso proponha aos demais que auxiliem no que for necessário, para que assim possam aprender juntos.

Este trabalho tem como objetivo analisar os estudos em sala de aula, de um aluno com algum tipo de limitação, que seja do Ensino Superior, com enfoque na observação do aluno, descrevendo os acontecimentos em sala de aula e buscando encontrar e delimitar barreiras atitudinais, seja por parte dos professores ou dos próprios colegas de aula.

2 METODOLOGIA

O presente trabalho trata-se de um estudo de caso que segundo Gil (2002, p.54) trata-se de "uma modalidade de pesquisa amplamente utilizada nas ciências biomédicas e sociais. Consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento".

O estudo em campo foi realizado em uma classe de Ensino Superior da Universidade da Região da Campanha no curso de Sistemas de Informação. Nessa classe, dentre a população do curso, foi escolhido um aluno que possuía algum tipo de limitação. Foram realizadas quatro visitas em aulas distintas, totalizando oito horas aula de observações. Foi feito o papel apenas de observador, sem interferir no andamento da aula, de modo a apenas realizar anotações do transcorrido em aula, buscando identificar as barreiras atitudinais.

O aluno utilizado nesse estudo possui não possui diagnóstico conclusivo designado por laudo médico, mas suas atitudes e maneiras de agir, notados pelos professores e por todos que vivenciam com o aluno é de Transtorno de déficit de atenção com hiperatividade (TDAH), que segundo Bonadio (2013, p. 19) "é visto como um transtorno orgânico, de ordem neurológica, que compromete a aprendizagem e prejudica o desempenho escolar", Polônio (2009), ainda complementa que o TDAH é compreendido "como um distúrbio neurofisiológico, com sinais de falta de atenção e impulsividade não adequadas ao nível de desenvolvimento, prejudiciais a aprendizagem em crianças na idade escolar".

Vale salientar ainda que o TDAH, segundo Moreira (2014), não seja considerado uma deficiência e sim uma necessidade educacional, o trabalho terá assim mesmo o foco nas barreiras atitudinais da educação inclusiva, de acordo com as observações feitas em aula.

As observações foram realizadas entre os dias 16 e 23 de agosto de 2018, sendo feitas anotações de cada dia, que serão apresentadas a seguir de forma resumida, apresentando os principais tópicos e acontecimentos no decorrer desses dias.

3 RESULTADOS e DISCUSSÃO

Como dito antes, o aluno apresenta sinais de TDAH, conforme explicado. É atuante do segundo semestre do curso de Sistemas de Informação, e como dito antes foram quatro visitas realizadas em sala de aula, nas seguintes disciplinas: Banco de Dados I, Estrutura de Dados e Matemática II.

Nos dias 16 e 20 de agosto, ocorreram as aulas de Banco de Dados I, aula que era realizada na sala de informática. Foram assistidas quatro horas aulas dessa disciplina, e os acontecimentos mais importantes nesse período serão descritos a seguir, podendo ocorrer algumas interrupções que serão necessárias para apresentar a identificação das barreiras atitudinais:

Antes do início da aula, o aluno estava junto aos colegas, aparentando ser bastante comunicativo, porém apresentando alguns tremores nas mãos, dando a sensação de nervosismo, mesmo assim não deixou de se comunicar com os colegas no quais pareciam ser mais próximos dele.

Durante a aula, o professor propõe um trabalho individual, passa as instruções aos alunos, exemplificando como o mesmo deverá ser realizado. No momento da explicação, o aluno apresenta sinais de dispersão, prestando mais a atenção na fala dos colegas do que no próprio professor.

O professor, ajuda todos os alunos, mas permanece um tempo a mais junto ao aluno, lhe dando instruções de como realizar o trabalho, elogiando-o a cada novo acerto, e apontando e sugerindo que fizesse mudanças quando necessário. O professor mostrou-se totalmente

prestativo com o aluno, buscando dar prioridade no auxílio para com o aluno, demonstrando estar preocupado com o aprendizado do aluno.

Na segunda aula da mesma disciplina há um novo trabalho proposto pelo professor, onde os alunos deveriam trabalhar em grupo, onde cada integrante deveria desempenhar uma função no trabalho, de modo a trabalharem em conjunto.

Os grupos começaram a se formar, porém o professor notou que o aluno em questão não tinha sido escolhido. Sendo assim, o professor tomou a atitude de conversar com os colegas, sugerindo que o aluno participasse do grupo, o que foi aceito por eles.

O aluno tenta se aproximar do grupo e desempenhar sua parte do trabalho, porém mantém-se muito quieto e não interage com os demais. Os colegas aparentam ser um pouco individualistas, não dando muita abertura para que o aluno exerça seu papel.

Aqui vemos um exemplo claro de uma barreira: a barreira atitudinal da rejeição, que segundo Tavares (2013, p.25) é considerada como a" recusa irracional a receber um público de pessoas com deficiência, bem como a recusa a interagir com esses espectadores. Não oferecer acessibilidade já é uma forma de exclusão". Ou seja, no momento em que o aluno se manteve no meio e tentou desempenhar seu papel e foi simplesmente ignorado pelos colegas, fica evidente que há uma barreira nesse caso.

Por diversas vezes o grupo é chamado a atenção, já que segundo o professor, não estava desempenhando o papel de um grupo, que não estavam dando oportunidade a todos para desempenharem suas funções, sendo o trabalho realizado por um aluno, que tomou a frente do grupo, não deixando os demais interagirem, principalmente o aluno, que se manteve isolado o tempo inteiro no grupo. Assim, o professor os provoca mais uma vez, instigando-os a fim de trabalharem juntos. Com isso, o aluno mais uma vez tenta interagir com o grupo, porém é ignorado e desiste.

Levando em conta essa mesma situação, se analisada com mais afinco, vemos que há a presença de mais uma barreira, a da baixa expectativa ou subestimação, onde no momento que os colegas não dão a oportunidade do aluno se expressar, de participar e de aceitar sua opinião, vemos que os colegas o subestimam, podendo pensar que ele não é capaz de desempenhar sua parte. Assim, novamente Tavares (2013, p.25) explica que essa barreira "significa o juízo antecipado e sem fundamento de que a pessoa com deficiência é incapaz de fazer algo, de entender um espetáculo ou até mesmo de nele atuar".

Nesse contexto, junto a barreira de subestimação, ela pode estar associada com a barreira de menos valia, que segundo Lima e Tavares (2012 p.5), é determinada como "avaliação depreciativa da capacidade, sentimento de que o aluno com deficiência não poderá ou só poderá em parte". Isso nos faz refletir que os colegas ao não permitirem dar espaço ao aluno, não só o subestimam como também creem que o que o aluno realizar não será de boa qualidade.

No decorrer da aula, o aluno possui movimentos constantes da musculatura do rosto, e também movimentos rápidos e estranhos com as mãos, que indicam uma espécie de nervosismo para quem o observa.

A segunda disciplina assistida é a de Estrutura de Dados, uma aula também na sala de informática, mas com um teor mais teórico. O aluno encontra-se mais disperso nessa aula, enquanto o professor explica a matéria e apresenta os slides, o aluno fica mexendo no computador, vendo coisas aleatórias que nada se relacionam com a aula.

Diferentemente do outro professor, já mencionado, este não procurar auxiliar o aluno e buscar perceber se o mesmo está entendendo o proposto em aula. Assim, nessa aula o aluno mostra-se em total desinteresse, dificilmente olhando em direção ao professor, buscando outras ocupações. Nesse caso, como vemos, por se tratar de uma disciplina teórica, onde o professor é quem fala na maior parte do tempo, não há como constatar algum tipo de barreira

atitudinal, já que todos os alunos se encontravam um pouco dispersos em relação ao que era objeto de estudo.

A última disciplina assistida foi de Matemática II, onde nessa aula o aluno se encontrou mais disperso do que nos momentos anteriores, nas outras disciplinas já citadas. Enquanto a professora explicava o conteúdo proposto e corrigia os exercícios, o aluno ficava olhando fixamente para o nada, durante todo o período da explicação, tendo novamente constantes movimentações na musculatura facial.

Os colegas tentavam interagir e o mesmo mantinha-se sempre sério, apenas permanecia atento a cada movimentação da aula dos colegas. Em nenhum momento durante todo o período da aula o aluno retirou os materiais de sua mochila, sendo que ele não tomou notas da matéria em questão.

Em alguns momentos o aluno realizava gestos estranhos, como fechar os olhos, sacudir a cabeça e sussurrar algo para si mesmo.

Nos momentos finais da aula é que ele começou a interagir com os colegas, mas não de uma maneira positiva, já que o mesmo ficou conversando e rindo com os demais, atrapalhando o andamento da aula e também dos que queriam realmente estudar.

Nesse último relato identificamos a falta de interesse do aluno, onde o mesmo nem sequer utilizou dos seus materiais, que se mantiveram todo o período da aula guardados. Também um ponto a ser questionado, do porquê que em momento algum a professora não chamou a atenção do aluno por não estar desempenhando a tarefa. Neste caso, dois fatores podem ser levados em conta:

Primeiro, a professora pode não ter conhecimento de como o aluno é, de que ele possua TDAH, e que este deveria ter uma atenção a mais. Vale ressaltar que por mais que a professora não tivesse esse conhecimento, deveria chamar a atenção do aluno e de alguma maneira incentivá-lo a estudar.

Segundo, levando em conta que ela tivesse conhecimento sobre o aluno, e da necessidade dele, acabou faltado a imposição da professora nesse momento o que pode ser visto como uma barreira: a da compensação, que se torna mais clara com o conceito de Lima e Tavares (2012, p.6) que trata de “acreditar que os alunos com deficiência devem ser compensados de alguma forma; minimizar a intensidade das atividades pedagógicas; achar que os alunos com deficiência devem receber vantagens”. Assim, acredita-se que a professora não estimulou o aluno, porque pode minimizar as atividades impostas a ele, que poderão ser feitos outros meios que facilitarão a vida dele. Também para este caso pode ser somada a barreira atitudinal de subestimação, anteriormente citada que se refere a desacreditar no potencial do aluno.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a observação do aluno em três disciplinas diferentes, com três professores com personalidades e métodos de ensino diferentes, vemos que por mais que as vezes possa passar despercebido, são enfrentadas todos os dias diversos tipos de barreiras atitudinais, independente do aluno em questão.

Sempre há uma rejeição, ou menosprezo, desacreditando que todos são capazes de aprender. Ao praticar esses atos, não somente está desqualificando o potencial de um indivíduo, como também está o excluindo do meio, alegando dele não ser capaz.

No primeiro caso, vimos a presença de três barreiras, com conceitos diferentes, mas que se interligam no contexto. Ali temos as barreiras da rejeição, da subestimação e de menos valia. Isso significa que o aluno não teve oportunidade de se expressar, de realizar a parte do trabalho que lhe foi imposta, o que em muitos momentos ficou visível a exclusão, pois o mesmo se isolava por não atingir suas expectativas de contribuir com os demais.

Ao mesmo tempo que encontramos três barreiras nessa situação, também vemos o professor, desempenhando seu papel de maneira adequada, tentando convencer os alunos a romperem essas barreiras, instigando-os que cada um desempenhe sua tarefa, dando oportunidades para que o aluno possa cumprir o proposto e que seja aceito pelos demais. Ainda que a proposta do professor tenha sido válida, ela não foi muito bem aceita por parte dos alunos.

Na segunda disciplina não encontramos barreiras atitudinais que fossem evidentes, isso decorrido ao que anteriormente foi dito de que a aula era de aspecto teórico e de que os alunos se encontravam dispersos. Apenas vale salientar, que o professor deveria ter pulso mais firme com os alunos para que compreendessem a matéria.

Na terceira disciplina vimos uma possível barreira nas entrelinhas, a da compensação, já que a professora em nenhum momento instigou o aluno a estudar, talvez somada a barreira da subestimação, proporcionou a falta de expectativas com o aluno.

Temos que levar em conta os problemas devidos aos diversos desafios que são enfrentados nas escolas tanto pelos alunos quanto pelos professores, isso devido muitas vezes pelo método de ensino, a interação dos colegas entre si e com os professores, e a exclusão de determinados indivíduos.

Tendo em vista que duas das três disciplinas utilizadas como estudo, apontaram barreiras que não estavam muito claras, ou até mesmo não foram notadas a presença delas, fica a sugestão de novas visitas e observações para as duas disciplinas em questão.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, R. E. **Educação inclusiva:** com os pingos nos “is”. Porto Alegre: Mediação, 2004.

OLIVEIRA P.M.R., et al. **Facilitadores e barreiras no processo de inclusão escolar**. Rev Ter Ocup Univ São Paulo. 2015.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

BONADIO, Rosana Aparecida Albuquerque. **Transtorno de déficit de atenção / hiperatividade:** diagnóstico da prática pedagógica. Maringá: Eduem, 2013.

POLÔNIO, M. L., **Aditivos Alimentares e Saúde Infantil**, In: ACCIOLY, E., SAUNDERS, C., LACERDA, E. M. A., Nutrição em Obstetrícia e Pediatria. 2 ed. - Rio de Janeiro: Cultura Médica:Guanabara koogan, 2009.

LIMA, Francisco José de; TAVARES, Fabiana dos Santos Silva. **Conceituação e taxonomia das barreiras atitudinais praticadas contra a pessoa com deficiência.** 2012. Disponível em: http://www.deficienteciente.com.br/2012/09/barreiras-atitudinais-obstaculos-a-pessoa-comdeficiencia-na-escola.html Acesso em: 15 set. de 2018.

MOREIRA, Camila. **Transtorno de déficit de atenção.** Disponível em: https://cmoreira2.jusbrasil.com.br/artigos/121809559/transtorno-de-deficit-de-atencao. Acesso em: 16 set. de 2018.

TAVARES, Fabiana. **Barreiras atitudinais e a recepção da pessoa com deficiência.** Disponível em: http://www.cultura.pe.gov.br/wp-content/uploads/2016/12/Livro_Acessibilidade_Cap2.pdf. Acesso em: 14 set. de 2018.